



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Entrevistas



A pesquisa em Filosofia¹

Por Rafael Fernando Hack² (rfhack@gmail.com).

1 – Qual foi seu primeiro contato com a pesquisa filosófica?

O meu primeiro contato com a pesquisa em filosofia deu-se ainda na graduação. Os eventos realizados (simpósios, semanas acadêmicas, etc.) foram extremamente estimulantes neste contexto. Entretanto, a pesquisa realizada naquela ocasião não contou nem com a ajuda institucional (financiamento através de bolsa); e, nem mesmo, com a supervisão de um orientador. As bolsas de iniciação científica eram raras e os processos de seleção extremamente obscuros. Muitos estudantes dedicavam-se ainda de modo diletante a pesquisa. Estes espaços abertos a apresentação de trabalhos foram sempre democráticos e expressivos.

2 – Como percebe a relação entre as investigações filosófica, científica e tecnológica no Brasil?

Muito embora existam esforços que busquem relacionar a filosofia, a ciência e a tecnologia a efetiva relação entre estas três áreas ainda se dá, neste momento, predominantemente de forma tímida e inexpressiva no interior das universidades. O papel da filosofia tem sido constantemente negligenciado, sobretudo no tangente ao

1. Entrevista realizada por José Provetti Junior, Coordenador Geral do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR.

2. É doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, graduado em Filosofia e História pela Universidade do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Tem experiência no ensino superior nas áreas de Filosofia, História da Filosofia, Prática de ensino, Teoria do Conhecimento e Metodologia da Pesquisa. Atua principalmente na área de Filosofia contemporânea nos seguintes temas: subjetividade, poder e saber. Sua pesquisa direciona-se ao pensamento do filósofo francês Michel Foucault.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

âmbito ético que permeia o desenvolvimento tecnológico e científico. Resta-nos lembrar, entretanto, que a filosofia está, neste momento, em processo de expansão nas universidades brasileiras (isto devido, fundamentalmente, a sua inclusão no ensino médio) e que neste contexto podemos aguardar, em um futuro próximo, uma maior interação entre estes três âmbitos.

3 – Se houve, qual é sua experiência em participar de Grupos de pesquisa filosófica?

Os grupos de pesquisa têm se mostrado extremamente eficazes na discussão de questões atuais e na compreensão do pensamento filosófico contemporâneo. O pensamento filosófico que ainda não foi devidamente absorvido pela “tradição universitária” aí encontra, também, um ambiente favorável ao seu desenvolvimento.

De um modo geral, a consolidação de linhas de pesquisa sobre temas específicos e interesses comuns sempre se mostrou frutífera, possibilitando um desenvolvimento aprofundado das temáticas propostas. A presença de interlocutores, cuja área de pesquisa seja convergente (pelo menos em sua temática), promove um aprofundamento na compreensão das problemáticas abordadas. Neste sentido, minha experiência em grupo de pesquisa sempre foi extremamente positiva.

4. Você tem experiência em extensão no campo da Filosofia?

Minha experiência em relação as atividades de extensão no campo da filosofia restringiram-se, exclusivamente, a cursos direcionados aos acadêmicos de filosofia. Todavia, acredito que a extensão deveria ser pensada de modo a abarcar uma parcela maior da sociedade. E, além disso, ela deveria promover uma interação maior e mais eficaz entre a universidade e a comunidade.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

5. Que considerações faz sobre a formação filosófica na graduação e, em especial, para a atuação profissional no ensino, pesquisa e mercado de trabalho?

O ensino de filosofia na universidade pauta-se, sobretudo, na discussão, compreensão e interpretação de textos filosóficos aclamados pela tradição acadêmica. Fechada em disciplinas herméticas, a discussão filosófica nem sempre aborda temas, mas sim, recortes temporais descolados da realidade atual.

Todavia, a filosofia é responsável pela criação e pelo desenvolvimento conceitual; e, neste sentido sua abordagem histórica (e muitas vezes descolada da atualidade) nos instrumentaliza para compreender conjunturas específicas. Neste sentido os processos de inferência são objetos de estudo privilegiados na caracterização conceitual, disponibilizando-nos o arcabouço teórico-metodológico responsável pela compreensão da realidade.

A filosofia no ensino médio neste momento mostra-se ainda claudicante. A sua obrigatoriedade recente no currículo escolar ainda torna evidente algumas insuficiências. Já no que se refere ao mercado de trabalho, a filosofia tem se restringido predominantemente a sala de aula.

6. Como vê a questão do ensino de Filosofia nos Ensinos Fundamental e Médio?

Acredito que inicialmente deveria haver uma unificação em torno dos conteúdos abordados nos diferentes estados brasileiros. Todavia, unificação em torno de conteúdos não significa, evidentemente, unificação em torno da abordagem pedagógica. Isto é, cada região tem, necessariamente, suas especificidades e demandas próprias. Contudo, o conteúdo curricular deve ser o mesmo. É o que de fato ocorre, por exemplo, nas disciplinas de exatas: o ensino das leis de Newton não é negligenciado, ou seja, é um componente curricular presente em todo o território nacional, sua abordagem sim, pode eventualmente sofrer mudanças.